

DOM HELDER CÂMARA E O CONCÍLIO VATICANO II

Jean-Marie Laurier*

RESUMO

Dom Helder Câmara participou no Concílio Vaticano II como bispo auxiliar de Rio de Janeiro e arcebispo de Olinda – Recife, mas não tomou uma só vez a palavra em plenário. Porém, nos bastidores, articulou muitas coisas, dinamizou tantos projetos e textos. Foram publicadas 598 *Cartas Circulares* que ele escreveu durante o evento conciliar para um grupo de amigos no Brasil. Trata-se de um documento ímpar da história da espiritualidade católica, onde aparecem unidas mística e profecia na simplicidade e transparência dum pastor da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Dom Helder; desafio teológico; comunhão eclesial; a eucaristia do pobre.

Dom Helder Câmara took part in the Second Vatican Council as assistant bishop of Rio de Janeiro and as archbishop of Olinda — Recife, but he did not speak a single time in the plenary. Behind the scenes he articulated many things, dynamized many projects and texts. 598 Circular Letters, which he wrote to a group of friends in Brazil during the conciliar event, were published. It is a matter of a single document of the history of catholic spirituality, in which mystic and prophecy come together, in the simplicity and transparency of a church shepherd.

KEYWORDS: Dom Helder; theological challenge, ecclesiastical communion, the poor's Eucharist.

Introdução

O Concílio Vaticano II desenvolveu-se em quatro sessões, entre o dia 11 de outubro de 1962 e o dia 8 de dezembro de 1965. Dom Helder Câmara participou como bispo auxiliar de Rio de Janeiro (primeira e segunda sessão) e como arcebispo de Olinda – Recife a partir de 1964 (terceira e quarta sessão).

Dom Helder Câmara não tomou uma só vez a palavra em plenário: por que falar nisso então? É que nos bastidores, articulou muitas coisas, dinamizou muitos projetos e textos: foi o promotor mais ardente do grupo de bispos apelidado “Ecumênico” ou “conferência dos 22”, pelo número de conferências episcopais ou organismos que se reuniam cada terça e logo cada sexta-feira na *Domus Mariae* em Roma onde se alojavam os bispos do Brasil. Grupo que teve como principal apoio moral, “Michel”, quer dizer o cardeal Leo Joseph Suenens da Bélgica, um dos moderadores do Concílio¹, junto com o apoio secretarial da conferência episcopal francesa. Participando da reflexão sobre “Igreja serve o pobre” com bispos e teólogos, franceses especialmente, Dom Helder chegou a propôr e assinar o famoso

* Professor de Espiritualidade no Studium de Notre-Dame de Vie – França.

¹ Cf. BEOZZO, J. O. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 185.

Pacto das catacumbas, após a celebração da eucaristia na catacumba de Domitila em Roma em novembro de 1965, pouco tempo antes da conclusão do Concílio o dia 8 de dezembro.

Acabam de serem publicadas 598 Cartas Circulares do Dom, tanto conciliares quanto interconciliares, em duas partes, ao passo que são três volumes para cada uma delas, pela CEPE (Companhia Editora de Pernambuco). Disse Zildo Rocha²:

Acho que a maneira como o Dom se faz ainda hoje presente entre nós é através da imensa obra escrita que nos legou, particularmente nas cartas que escreveu a seus colaboradores, a quem chamava de Família Mecejanense. São, ao todo, cerca de duas mil e duzentas cartas, escritas, ao longo de vinte anos. No próximo dia 14 de abril, a Companhia Editora de Pernambuco – CEPE estará lançando seiscentas dessas cartas, em dois volumes de três tomos cada um. O primeiro volume contém as Cartas Conciliares, assim chamadas porque escritas em Roma, durante as quatro Sessões do Concílio Vaticano II. O segundo, das Cartas Interconciliares, contém as cartas escritas, no Recife, entre as três últimas Sessões do Concílio (11 de abril de 1964 à 01 de setembro de 1965) aos seus ex-colaboradores do Rio de Janeiro e novos colaboradores de Olinda e Recife. Tive o privilégio de preparar para a publicação, com a ajuda de um pequeno grupo, este volume das Cartas Interconciliares e posso assegurar-lhe que se trata de um documento ímpar da história da espiritualidade católica. Nelas, um cristão autêntico, um grande bispo, um dos Pais da Igreja latino-americana, aceita o desafio de despir-se espiritualmente diante de Deus e de sua Igreja familiar e doméstica, diariamente ou quase, confessando e narrando, com simplicidade e transparência, a “história de sua alma” e as vicissitudes de seu dia-a-dia³.

No presente estudo, só nos interessaremos pelas Cartas Conciliares, esforçando-nos por salientar:

1. A *visão* (tanto mística como profética) que Dom Helder teve do acontecimento conciliar, durante as quatro sessões.
2. A reflexão e atividade de Dom Helder na difícil *elaboração* da constituição pastoral *Gaudium et Spes* aprovada pelo Concílio na quarta e última sessão.
3. A *sintonia* da mística de Dom Helder com as três dimensões da dignidade humana apresentadas no capítulo primeiro da *Gaudium et Spes*

1. Visão do Concílio

A) Desafio e intensidade teologais

² Cf. ROCHA, Z.; LUZ, L. C. M. *Circulares Conciliares*. Recife: CEPE, 2009. 2 v. [3 partes cada volume] (Obras Completas de Dom Helder Câmara). As citações referentes a essa obra, no decorrer do artigo, serão assinaladas apenas pela sigla CC.

³ CC Entrevista do dia 7-04-2009.

O Concílio representa para o Dom um imenso desafio eclesial e humano e a primeira resposta pretende ser de ordem teologal:

Peçam que nenhum de nós desperdice dois meses na Cidade Eterna. Que estes dias marquem nossa vida. Que voltemos mais *sobrenaturais* (avanzando na fé, na esperança e na caridade)⁴.

Redobrem de orações e sacrifícios. Nada como o alargamento máximo na linha da caridade. É também esplêndida a aceitação das humilhações que o próprio Deus nos manda. E é decisivo aceitar, de olhos fechados, a vontade divina⁵.

Sabem que tenho a impressão sincera de que sou simples instrumento? Sabem que acredito profundamente que as raízes do que acontece aqui, muitas vezes, quase sempre, estão aí, em sofrimentos anônimos, em orações?⁶

Num momento de grande angústia pessoal durante os debates conciliares sobre a colegialidade episcopal, Dom Helder faz esta súplica na vigília:

Uno-me à Santíssima Trindade que está comigo, dentro de mim, no meu pobre mocambo... Pai, nenhum de nós, nos dois lados, deseja fazer a própria vontade. Creio na sinceridade do Cardeal Ottaviani (que ele mesmo [fl.3] acabou votando em favor da Colegialidade!), quando ele julga indispensável, senão dissolver a Comissão de Teologia, ao menos agregar-lhe uns 10 Bispos novos que pensem de modo diferente e salvem a Comissão de heresia [...] Ajuda-nos, Pai, a acertar com a tua vontade, sem, de modo algum, defender a nossa como se fosse tua [...] Filho de Deus, Verbo Eterno, Luz da Luz, meu irmão Jesus Cristo: a Igreja é o teu Corpo Místico, és tu. Ajuda-nos! Vive conosco estas horas críticas em que nossa pobre inteligência iluminada pela fé pensa ver claro, mas pode estar enganada [...] Espírito Santo, mais do que nunca chegou tua vez! Guia-nos pela mão. Não nos deixes na indecisão e na sombra. Vela, sobretudo, pelo Santo Padre que eu não me admiraria de ver cair em enfermidade grave, tal Seu estado de dilaceramento interior. Mãe Santíssima, Mãe do Cristo Total, Mãe da Igreja: ajuda-nos! Obtém da Santíssima Trindade que o amor próprio não funcione, de lado nenhum, nestas horas graves [...] E tu, Miguel, que feriste Lúcifer: vê como o anjo das trevas andou semeando, andou agindo [...] Ordena a teus Anjos que guardem, como nunca, os Padres Conciliares⁷.

B) Ânsia de unidade e comunhão

Já na elaboração da constituição sobre a *Sacra Liturgia* os debates entre os padres conciliares mostraram-se importantes. O Dom escreve:

A Santa Missa é tão grande que não a quero misturar com mais nada. Meditem sobre as preocupações dos Padres Conciliares. Peçam a Deus que vença não a posição de um ou outro, de técnicos, de especialistas, e ainda menos capricho ou vaidade de quem quer que seja. Vença o Espírito Santo. Como deseja a Missa, hoje, para os homens de hoje? O que há a salvar de comum e invariável em todas as Missas e até onde poderão ir as adaptações locais? Que a própria Missa nos fale e nos inspire⁸.

⁴ CC 14-10-1962.

⁵ CC 4-5-11-1962.

⁶ CC 5-6-11-1963.

⁷ CC 19/20-9-1964.

⁸ CC 17-10-1962.

Dom Helder partilha as próprias iniciativas em favor da comunhão entre os Padres conciliares:

Sugeri que sugeríssemos ao Santo Padre (Ele está em diálogo com o Ecumênico: recebe nossas petições e as atende na mesma hora, como o Papa João) que Ele, na véspera do encerramento da 2ª Sessão, venha fazer uma manhã de Recolhimento conosco.- sobretudo para dizer: ‘Vocês são irmãos. Andaram discutindo, por vezes, de modo mais vivo. Chegaram, aqui e ali, a veemências. Talvez ou certamente, haja travos, amarguras [...] Vamos esquecer mágoas, perdoar-nos mutuamente, mergulhar na Caridade’. Peçam a Deus por estes dias finais. Que eles sejam aproveitados até o fim! Que até o fim sejamos instrumentos nas mãos de Deus [...] A nós escapam os resultados: a Deus pertencem. E que entendemos de resultados, se enxergamos tão pouco e tão mal!? [...] Quem tem olhar que desça ao interior dos homens e dos acontecimentos? Quem tem olhar que vare os séculos? [...] Que Ele nos faça fazer o que convém, sem entender por vezes como, de certo, de vez em quando, acontecia com o Papa João⁹.

A partir da oração, Dom Helder vive da espiritualidade de comunhão:

Este bem incomparável [da paz interior] é que espero em Deus, seja estendido aos irmãos simbolizados por Ottaviani. É preciso que não haja travo. Só entendo Concílio sem vencidos¹⁰

C) Realismo

Na consideração da vida interna do Concílio, o Dom testemunha um grande realismo espiritual e humano e até humorístico:

À querida Família do São Joaquim, Vocês precisam conhecer o Concílio como ele é. Divino-humano. Conduzido por Deus, realizado por homens. Claro que nas horas decisivas - de promulgação de pontos de fé e de moral - o Espírito Santo nos inspira e nos conduz. Se preciso empurra, segura pelos cabelos [...] ¹¹.

D) Visão sintética

Ao início da quarta e última sessão, Dom Helder exprime de maneira sintética, sinóptica, compreensiva, a sua visão interior do acontecimento conciliar. Oração e eucaristia, comunhão fraterna, solicitude pela Igreja e sua pobreza, inclusão pessoal no pecado eclesial, desafio da santidade, não falta dimensão nenhuma:

Deus sabe que em nenhuma Vigília, em nenhuma Missa, o Concílio foi esquecido. Quando, no Altar, contemplo, longamente, as chamas das velas, estou pedindo para cada Padre Conciliar, uma língua de fogo, como no Cenáculo [...] Estou pedindo, não [...] Estamos pedindo: porque, sobretudo no Santo Sacrifício é tão bom e tão cômodo rezar com Cristo e em Cristo! [...] Daí, podermos dizer ao Pai como no Intróito de hoje: ‘olhai a face do vosso Cristo’. O olhar do Pai não se engana como o nosso: não para no rosto humano, na fachada, na carcaça [...] Descobre, lá dentro, apagado, esquecido, o Filho bem-amado, em Quem põe todas as complacências. Chego a ser cansativo nos meus apelos para que nos exercitemos na união com Cristo [...] Quem leva a sério à sugestão, de toda uma semana, emprestando os olhos

⁹ CC 14-11-1963.

¹⁰ CC 16-17-11-1963.

¹¹ CC 21-11-1962.

a Cristo [...] toda uma 2ª, emprestando os ouvidos [...] uma 3ª, emprestando os lábios [...] uma 4ª, as mãos [...] e, depois, os pés [...] o coração [...] acaba vivendo o mistério da unidade com Ele. Note-se que esta riqueza pode coexistir e coexiste com todo o mistério da fraqueza humana, do egoísmo que irrompe, da pobreza que é perene [...] Reparem como a oração de hoje nos lembra exatamente isto: a própria Igreja (e nós somos a Igreja, nós o Povo de Deus – e aqui se incluem todos os homens de boa vontade [...]) tem que ter presente que, embora divina em sua origem, é confiada às mãos frágeis, fragílimas dos homens [...] Mas o Evangelho levanta, de cheio, o problema que me parece o “impasse humano” em que se acha a Igreja imortal do Cristo: ninguém pode servir a Deus e à riqueza, e nós caímos na engrenagem do dinheiro [...] Claro que o desejo é fazer com que o dinheiro sirva a Deus e possibilite o bem. Mas quem é que, de fato, vive como as aves do céu e os lírios do campo? [...] Enchemos os lábios de Providência, mas nós apoiamos mesmo é na engrenagem, no Império [...] Tenho para mim que digo isto sem julgar ninguém, sem ferir a caridade, sem sentir-me diferente, sem ter solução [...] Digo como quem olha para o Alto e pede socorro. Digo como quem grita SOS, pois não vejo saída humana [...] Como será a IVª Sessão? Tempestuosa ou mais fácil do que se imagina? Mais longa ou mais breve do que se pensa? O importante é que corresponda aos planos de Deus e não seja uma decepção para os que olham o Concílio como uma esperança. Insisto em pedir que não haja, no fim, vencidos nem vencedores. Que os Bispos voltem mais Irmãos! Que todos – inclusive os Peritos, os Observadores e os Auditores – voltemos mais santos¹².

2) Dom Helder e a elaboração da *Gaudium et Spes*

A) A problemática do pobre

Dom Helder Câmara chegou a Roma e participou no Concílio com essa sensibilidade aguda pela pobreza na Igreja e com um olhar continuamente fitado nos pobres. Encontrou bispos e teólogos com uma idêntica solicitude pastoral, especialmente Ancel auxiliar de Lyon. Marcou encontros com o abbé Pierre fundador das comunidades de Emaus, com Jean Rodhain fundador de *Caritas internationalis*, com bispos africanos e asiáticos envolvidos na questão etc. Fez várias leituras enriquecedoras, até em francês como *Jésus, l'Eglise et les pauvres*¹³ que foi anotando e comentando para a família mecejanense das Cartas circulares.

Combinou com os santos canonizados em novembro de 1962 o seguinte tratado:

Os 3 combinamos um plano completo para levar, com a graça de Deus, ao longo dos 3 anos de Concílio, a Santa Igreja aos perdidos caminhos da Pobreza. Seria fácil - fácilimo e tentador - um gesto espetacular de 300 Bispos. Seríamos seguidos, com mais ou menos constrangimento, por mais uns mil. Ficaríamos focalizadíssimos [...] Mas deixaríamos amargurados irmãos nossos ainda não de todo trabalhados pela graça do amor à Pobreza (haveria para nós o perigo sério de farisaísmo: ‘nós não somos como estes pobres burgueses [...]'). O que, sobretudo me decidiu a pedir paciência (o que não é sinônimo de passividade, de braços cruzados: ah! garanto que não! Deus sabe!) é a impossibilidade em que se acha o Papa (mesmo o querido João XXIII) de livrar-se da tiara, de romper com o Vaticano¹⁴.

¹² CC 11/12-9-1965.

¹³ Cf. CC 20-10-1962.

¹⁴ CC 26-11-1962.

Nota-se bem a relevância teológica da problemática para Dom Helder, a primacia da caridade e humildade na luta contra o impasse da riqueza na Igreja, que pretende manter-se sempre fraterna. Esta preocupação eclesial e universal pela pobreza se torna pedagogia concreta para os leitores das circulares:

Não é menos misterioso, profundo e belo (do que o diálogo com Deus) o diálogo com os Pobres [...] Experimentem chegar a um Pobre em momento de desânimo interior, de perigo de qualquer sombra de travo, em instante de cansaço de alma, de timidez interior, de angústia invencível, de tentação [...] Cheguem, tentando o esforço máximo de esquecer a própria aflição e de no Pobre encontrar o Irmão. Basta, às vezes, perguntar como se chama, como está passando, como vai de frio, onde mora [...] Algo mais rico do que a esmola, de mais quente do que uma palavra convencional. Basta, às vezes, um olhar de amizade (e é tão raro para os Pobres receber este tipo de ajuda que mesmo os mais céticos, os mais amargos, os mais revoltados e os que não sabem nossa língua, são tocados no fundo do coração¹⁵.

Durante a segunda sessão, estuda com o cardeal Gracias da Índia o tema do futuro congresso eucarístico lá: *Do Santíssimo sacramento à eucaristia do pobre*, expressão que se fará bem presente depois nas entrevistas e discursos.

B) A preparação da *Gaudium et Spes*

O primeiro elemento encontrado nas Cartas Circulares data do 18-11-1963. Não se falava ainda na *Gaudium et Spes*, mas sim do esquema XVII, resto dos esquemas pré-conciliares que tinham sido varridos no início do Concílio:

Na saída, combinei com Daniélou um encontro, hoje, na Basílica, para que me entregue a 1ª versão do XVII Esquema. Aí, no Brasil, se Deus quiser, vamos provocar - não direi uma versão nossa - mas a contribuição brasileira. Será o esquema-chave da 3ª Sessão¹⁶.

Daniélou e de Lubac foram os maiores contribuidores do capítulo 1 da GS com o binômio: *dignidade do homem - imagem de Deus*, enraizado na patrística. Note-se a importância do texto para Dom Helder, a esperança que supõe para ele e a Igreja no Brasil.

A Carta Circular do 30-11-1963 menciona sobriamente a preparação imediata para a elaboração da futura constituição:

Eleição para o s. XVII e os 8 do Secretariado da União foram todos, sem exceção, os indicados pelo Ecumênico, inclusive o Dom para a Comissão de Apostolado dos Leigos (que permite não só acompanhar e defender a promoção do laicato, mas também e, sobretudo, o XVII Esquema)¹⁷.

¹⁵ CC 8/9-11-1962.

¹⁶ CC 18-11-1963.

¹⁷ CC 30-11-1963.

Percebemos já que será um texto difícil que precisará de muitas transformações e que não sairá até a quarta sessão do Concílio. O esquema XVII passa a ser o XIII. Dom Helder na vigília de reabertura da quarta sessão do Concílio escreve:

Hoje, começam os estudos nossos (de Bispos do Brasil) sobre o Esquema XIII (preparatórios da 2ª Assembléia Geral, ainda não marcada). Acho-me duplamente convocado: como responsável pelo Secretariado Nacional de Ação Social e como integrante da Comissão Conciliar do XIII Esquema. Reparem as Reflexões Gerais que me envia o Pe. Leuret sobre o Esquema (a seguir, ele apanha capítulo a capítulo)¹⁸.

Interessante o contato e trabalho com esse dominicano francês ávido em questões sociais e que vai promover o lema para a *Populorum progressio de Paulo VI: desenvolvimento de todos os homens e de todo o homem*.

Apenas temos uma menção do texto antes do fim da quarta sessão, que aponta as dificuldades e as lutas para situá-lo nos textos do Concílio:

Terminou, na Basílica, a votação do Esquema XIII: ele já não existe [...] Cedeu, gloriosamente, lugar à Constituição Pastoral sobre a presença da Igreja no Mundo. O ROC (estado maior da oposição ao espírito do Vaticano II) explorando o medo dos Bispos norte-americanos em relação ao que lhes parecia condenação total da guerra, (o que aos Bispos dos USA parece irrealismo e fazer o jogo do comunismo) anunciou a queda do Esquema e seu envio ao Sínodo dos Bispos¹⁹.

As Cartas Circulares de Roma não oferecem mais material sobre a *Gaudium et spes*. Seria bom completar com as interconciliares escritas desde Recife-Olinda²⁰. Porém, nos debruçaremos agora sobre a evidente sintonia da Constituição pastoral *Gaudium et Spes*²¹ aprovada na última sessão do Concílio com as linhas mestras da mística de Dom Helder que temos salientado.

C) A mística de Dom Helder e a *Gaudium et Spes*

As opções teológicas e pastorais do Vaticano II

¹⁸ CC 12/13-9-1965.

¹⁹ CC 6/7-12-1965.

²⁰ Encontramos na CC do 16-17-65, vigília do Corpus Christi, num momento de inundações em Recife, esta prece significativa: Que o Santíssimo Sacramento nos ajude a passar da Sagrada Eucaristia à Eucaristia do Pobre. É também o Corpo de Cristo e Corpo de Deus a massa desabrigada, cujos mocambinhos a chuva levou [...] e essa pergunta do 17-18-6-1965: Não sei qual é a graça maior: se ver o Invisível (no sentido de contar com a presença dele com a segurança de quem vê e de quem toca [...] ser companheiro dos anjos e andar mergulhando em Deus) ou se ver o Invisível no Visível (descobrir Cristo no Pobre e em todo Aquele que sofrer e está esmagado no corpo e na alma).

²¹ As citações que seguirão referentes à *Gaudium et Spes* são do COMPÊNDIO do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 1991. Utilizaremos a sigla GS para *Gaudium et Spes*.

A opção fundamental²² do Concílio, ao recusar a maioria dos esquemas preparados pela Cúria romana, foi pastoral, quer dizer, considerar a vocação do homem vivida no mundo atual, na conjuntura histórica, social, política, econômica de hoje, iluminar a fé cristã em relação com o mundo de hoje. Este é o ângulo essencial. Ao contrário dos anteriores concílios, a perspectiva marcada pelo papa João XXIII não é de condenar heresias e reafirmar o dogma. Aparece evidente certo otimismo diante do mundo, bem diferente da atitude defensiva do século XIX com o *Syllabus* etc. João XXIII quis perfilhar uma visão esperançosa da Igreja e da humanidade. Com certeza esta visão participa da euforia europeia da reconstrução da democracia e do milagre econômico após a segunda guerra mundial. É devida também à influência da teologia de Teilhard de Chardin em muitos padres do Concílio, incluindo Dom Helder, teologia ou cosmovisão que integra a realidade do progresso humano, do desenvolvimento etc. O impacto da filosofia existencialista e personalista não tem dúvida. Portanto, percebemos muitos deslocamentos na linguagem conciliar: fica mais antropocêntrica do que teocêntrica, mais subjetiva do que objetiva, mais personalista do que escolástica. Tudo isto se reflete na constituição *Gaudium et Spes* que nos oferece o paradigma de compreensão:

Nos nossos dias, a humanidade, cheia de admiração ante as próprias descobertas e poder, debate, porém, muitas vezes, com angústia, as questões relativas à evolução atual do mundo, ao lugar e missão do homem no universo, ao significado do seu esforço individual e colectivo, enfim, ao último destino das criaturas e do homem. Por isso, o Concílio, testemunhando e expondo a fé do Povo de Deus por Cristo congregado, não pode manifestar mais eloquentemente a sua solidariedade, respeito e amor para com a inteira família humana, na qual está inserido, do que estabelecendo com ela diálogo sobre esses vários problemas, aportando a luz do Evangelho e pondo à disposição do género humano as energias salvadoras que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador. Trata-se, com efeito, de salvar a pessoa do homem e de restaurar a sociedade humana. Por isso, o homem será a base de toda a nossa exposição: o homem na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade. Eis a razão por que este sagrado Concílio, proclamando a sublime vocação do homem, e afirmando que nele está depositado um germe divino, oferece ao género humano a sincera cooperação da Igreja, a fim de instaurar a fraternidade universal que a esta vocação corresponde. Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objectivo: continuar, sob a direção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido²³.

²² Cf. LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005. (Theologica n. 14).

²³ GS n. 3.

A presença do pobre, do Terceiro Mundo, nos textos do Concílio é menor do que a primeira intenção do papa João XXIII²⁴ e as intervenções significativas do cardeal italiano Lercaro. O n. 8 da *Lumen Gentium* ensina que a Igreja reconhece principalmente nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor. O n. 1 da *Gaudium et Spes* proclama que as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo.

Ao tratar da vida econômica, no capítulo III da segunda parte intitulada "Problemas mais urgentes"²⁵, GS n. 63 mostra a preocupação por um progresso econômico que agrava as desigualdades sociais, piora a condição social dos fracos e *despreza* os pobres²⁶. Existem apelos de ajuda aos pobres, quer pela via tradicional dos atos de misericórdia, quer pela modificação de estruturas da agricultura²⁷ e da ordem internacional do comércio, quer pela criação de um organismo eclesial internacional de promoção da justiça²⁸ e amor aos pobres, quer por um basta à corrida armamentista²⁹. No entanto, a presença da grave problemática do Terceiro Mundo e dos pobres eclodirá mais tarde. A *Gaudium et spes* constitui apenas os primeiros passos da Igreja católica e conciliar neste campo, embora tivesse acontecido nela muitas iniciativas realistas e promovido a reflexão da doutrina social iniciada pela *Rerum novarum*.

Debruçaremos agora sobre a *primeira parte da GS*, qualificada de doutrinal e centrada na *Igreja e a vocação do homem*. A comparação com a contemplação e o engajamento de Dom Helder aparecerá mais convincente e mais estimulante. Após um proêmio que considera a situação da Igreja com respeito a diversos problemas do momento, o texto desenvolve três dimensões da pessoa humana:

1) Como unidade, singularidade e vocação à comunhão com Deus = cap. I;

²⁴ Cf. Mensagem radiofônica do CC 11-09-1962: *Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se tal qual é, como Igreja de todos e especialmente dos pobres*.

²⁵ A segunda parte fita no capítulo 1 a dignidade do matrimônio e da família, no capítulo 2 o progresso cultural, no capítulo 3, a vida econômica e social, capítulo 4, a comunidade econômica e a questão da paz no capítulo 5.

²⁶ No preciso momento em que o progresso da vida econômica permite mitigar as desigualdades sociais, se for dirigido e organizado de modo racional e humano, vêmo-lo muitas vezes levar ao agravamento das mesmas desigualdades e até em algumas partes a uma regressão dos socialmente débeis e ao desprezo dos pobres. Enquanto multidões imensas carecem ainda do estritamente necessário, alguns, mesmo nas regiões menos desenvolvidas, vivem na opulência e na dissipação. Coexistem o luxo e a miséria. Enquanto um pequeno número dispõe dum grande poder de decisão, muitos estão quase inteiramente privados da possibilidade de agir por própria iniciativa e responsabilidade, e vivem e trabalham em condições indignas da pessoa humana.

²⁷ GS n. 66.69.

²⁸ GS n. 90.

²⁹ GS n. 81.88.

- 2) Como parte solidária da comunidade humana = cap. II;
- 3) Como engajamento multiforme (socio-econômico, político etc) na história = cap. III.

O n. 40, no início do capítulo IV dedicado à função da Igreja no mundo atual, resume essas três dimensões da seguinte maneira: Tudo quanto dissemos acerca da dignidade da pessoa humana, da comunidade dos homens, do significado profundo da actividade humana, constitui o fundamento das relações entre a Igreja e o mundo e a base do seu diálogo recíproco.

A vocação e dignidade integral da pessoa humana

A proposta do Concílio está concentrada no capítulo 1, do n.11 até n. 22. Inicia com a pergunta: *Que pensa a Igreja da vocação do homem?* E desenvolve primeiro a condição histórica da graça e do pecado, depois a natureza e a unidade do composto humano (consciência, liberdade etc), salientando a imagem de Deus n.12³⁰ e terminando com a chave cristológica e pneumatológica do n. 22: pela sua Encarnação, Cristo se uniu com todo homem e o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem ao mistério pascal por um modo só de Deus conhecido.

O n. 19 constitui o ponto culminante da afirmação da dignidade do homem, conceito relevante na teologia moral posterior e chave no ensinamento moral de João Paulo II. A dignidade humana se exprime na vocação divina e transcendente da pessoa, quer dizer um chamado a uma comunhão com o Deus da Revelação definida como diálogo³¹:

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador. Porém, muitos dos nossos contemporâneos não atendem a esta íntima e vital ligação a Deus, ou até a rejeitam explicitamente; de tal maneira que o ateísmo deve ser considerado entre os fatos mais graves do tempo atual e submetido a atento exame.

Embora Dom Helder Câmara não fosse tão preocupado pelo ateísmo e tivesse o jeito de dialogar facilmente com todo tipo de “ateus humanistas” como falava, recolhamos esta sintonia com a vivência e a mensagem dele: o homem vocacionado para o *diálogo* com Deus.

³⁰ A Sagrada Escritura (cf. Gênesis 1,26) ensina que o homem foi criado «à imagem de Deus», capaz de conhecer e amar o seu Criador, e por este constituído senhor de todas as criaturas terrenas para as dominar e delas se servir, dando glória a Deus.

³¹ Cf. *Dei Verbum* 3. Tal referência se situa no Compêndio Vaticano II que foi citado anteriormente.

A palavra vocação implica liberdade, que o texto menciona explicitamente, como aparece também na *Dei Verbum* 5. Isto significa que a pessoa humana tem a capacidade de decidir que a palavra e o testemunho divino são verdadeiros desde o próprio coração, e não externamente por imposição, e que pode verificá-los por si mesma. Já estamos no campo da liberdade religiosa afirmada na *Dignitatis humanae*. Este ponto sintoniza com o respeito sagrado que Dom Helder tinha pela liberdade de consciência dos outros e as suas opções de vida. Desse respeito incondicional já tivemos vários testemunhos.

O Concílio não utiliza nunca o adjetivo *teologal*, mas encontramos aqui precisamente o nexo, o *cardo* em latim, a conjunção fecunda: o chamado do Criador e a livre resposta do homem, na interioridade pessoal, que é a raiz mesma, o dinamismo mesmo da vida teologal de fé, esperança e amor. Quem falar de vocação fala de felicidade. Quem falar de teologal supõe receptividade e atividade. É precisamente o valor da palavra diálogo que utiliza o Concílio na linha da *Ecclesiam suam* de Paulo VI.

Além disso, precisa-se deduzir da própria arquitetura da primeira parte da GS, tal qual a apresentamos, que a relação do homem com Deus integra e conjuga sempre as dimensões: pessoal = singular, única e irrepetível; comunitária e solidária com os outros; comprometida na história e na sociedade da dignidade humana.

Nesta correlação da consciência da própria singularidade e da necessária solidariedade precisamente situamos a articulação tão natural, tão constante, tão "cearense"³², da vigília e do engajamento em Dom Helder Câmara.

O conceito antropológico e pessoalista do *dom de si mesmo* aparece como a chave desta correlação, segundo afirma:

[...] quando o Senhor Jesus pede ao Pai 'que todos sejam um [...], como nós somos um' (Jo 17, 21-22), sugere - abrindo perspectivas inacessíveis à razão humana - que dá uma certa analogia entre a união das pessoas divinas entre si e a união dos filhos de Deus na verdade e na caridade. Esta semelhança torna manifesto que o homem, única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma, não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo³³.

Não há dúvida: estamos face a uma chave antropológica e teológica, maravilhosamente articulada: eleição e vocação divinas, singularidade da pessoa, doação própria do homem para a plenitude, o qual significa a felicidade na comunhão, à semelhança da comunhão das Pessoas da Trindade. O *dom* manifesta a Trindade na economia da salvação

³² Cf. Expressão utilizada por Joseph Comblin sobre a mística de Dom Helder.

³³ GS n. 24.

e explica o homem na história. A luta de Dom Helder Câmara contra todas as formas do egoísmo³⁴, dentro e fora da pessoa humana, na estruturas da vida socioeconômica e política, o testemunho de sua vida doada radicalmente a Deus e aos homens, especialmente aos mais pobres por serem mais identificados com o Senhor Jesus, ilustram e confirmam esta chave da antropologia teológica do Concílio Vaticano II.

Pistas de um paralelismo a prolongar

1) Saber receber até dos que se opõem a nós:

Na GS n.44 apresenta que a Igreja reconhece aquilo que muito aproveitou e pode aproveitar da própria oposição daqueles que a hostilizam e perseguem. Em Dom Helder Câmara (DHC): as oposições o ajudam a não acreditar demais em si mesmo, a oposição o enriquece.

2) Afastar o ódio como uma alienação do coração:

Todos os cristãos são, por isso, insistentemente chamados a que «praticando a verdade na caridade» (Ef 4, 15), se unam com os homens verdadeiramente pacíficos para implorarem e edificarem a paz. Levados pelo mesmo espírito, não podemos deixar de louvar aqueles que, renunciando à violência na reivindicação dos próprios direitos, recorrem a meios de defesa que estão também ao alcance dos mais fracos — sempre que isto se possa fazer sem lesar os direitos e obrigações de outros ou da comunidade³⁵ [...] Para edificar a paz, é preciso, antes de mais, eliminar as causas das discórdias entre os homens, que são as que alimentam as guerras, sobretudo as injustiças. Muitas delas vêm das excessivas desigualdades econômicas e do atraso em lhes dar remédios necessários. Outras, porém, nascem do espírito de dominação e do desprezo das pessoas; e, se buscamos causas mais profundas, da inveja, desconfiança e soberba humanas, bem como de outras paixões egoístas. Como o homem não pode suportar tantas desordens, delas provém que, mesmo sem haver guerra, o mundo está continuamente envenenado com as contendas e violências entre os homens. E como se verificam os mesmos males nas relações entre as nações, é absolutamente necessário, para os vencer ou prevenir, e para reprimir as violências desenfreadas, que os organismos internacionais cooperem e se coordenem melhor e que se fomentem incansavelmente as organizações que promovem a paz. Dom Helder Câmara lembrou sempre as palavras e o exemplo do padre Cícero: um coração de sacerdote não pode conservar o mais mínimo ódio³⁶. Estamos diante de uma constante na vida de Dom Helder, constante de não violência, de silêncio na

³⁴ Lembremos a conversa decisiva para a sua vocação sacerdotal com o próprio pai.

³⁵ GS n. 78.

³⁶ Segundo Broucker, na obra *Les conversions d'un évêque*. Entretiens avec José de Broucker (Chrétiens autrement). Paris: L'harmattan, 2002. p. 24 mostra a história do padre Cícero ao seminarista Helder Câmara que lhe tinha acusado numa revista: «Amanhã você será padre. Devo demonstrar-te que um coração cristão e sobre tudo, um coração de padre, não tem espaço para a mais mínima gota de ódio». Toda a minha vida lembrei dessa lição de generosidade cristã. Quando o que ele viveu aconteceu para mim, numa escala maior, Deus me está ajudando a viver essa palavra do padre Cícero: Nem sequer a mais mínima gota de ódio no coração de um padre.

esperança firme, que culminou no final da vida, após a renúncia à sede episcopal de Olinda-Recife em 1984³⁷.

Reflexão final

Será que estas linhas de reflexão sobre a sintonia do ensino do Concílio Vaticano II e a mística profética de Dom Helder Câmara bastam para responder às legítimas questões de hoje, para nós cristãos do século XXI, em pleno mundo globalizado e em plena crise financeira, mas também social e espiritual, com a queda das ideologias, especialmente a marxista, o desencanto pelas utopias existencialistas e pelas pedagogias dos anos 68-75 do século XX. Assistimos também à quebra do sindicalismo. As pragas da corrupção e das drogas aflitem todas nossas sociedades e nosso continente latinoamericano em todos os níveis. A economia do mercado estabeleceu-se como uma norma mundial. A cultura tornou-se cibernética. É o império tanto da internet quanto da coca-cola. A gente sente-se ultrapassado e abafado pelos problemas que têm agora uma escala planetária, sem possibilidade de influir na realidade histórica, política e econômica concreta do dia a dia.

Por outra parte, nota-se uma grande sede espiritual, a fome de Deus e do mistério, um interesse não só intelectual pela mística, que toma dimensões, sobretudo, individuais, por vezes egoístas e que, ao máximo, se projeta em microrrealizações comunitárias e solidárias.

No capítulo geral dos frades carmelitas em Fátima, em abril 2009, o teólogo espanhol Juan Martin Velasco, que nos ajudou a refletir com a fenomenologia da mística, convidou esses especialistas eclesiais da contemplação a investigarem e a proporem pistas novas para a luta contra a miséria material, moral, afetiva e espiritual de hoje, indicando que um santo do jeito de São João da Cruz, tão valioso para o diálogo interreligioso sobre a transcendência e o absoluto de Deus, não falou nada sobre a miséria, embora fosse de uma camada social totalmente miserável. A contemplação autêntica impele para o compromisso realista na história e na sociedade: Teresa de Ávila nos abriu portas.

Será possível encontrar nas propostas da doutrina social da Igreja católica, na última encíclica pontifícia por exemplo, *Caridade na verdade*, uma prolongação e uma revitalização do profetismo místico ou da mística profética de Dom Helder Câmara? O texto revela-se de enorme complexidade; mas as reações dos economistas e dos políticos são encorajadoras. Cristo não reformou, nem transformou a civilização mediterrânea de seu tempo, mas os cristãos, movidos pelo seu Espírito através dos séculos, criaram estilos de vida coerentes com

³⁷ GS n. 83.

o seu Evangelho e transformadores das pessoas, das comunidades, das sociedades e das culturas. Uma das conclusões da encíclica de Bento XVI é a seguinte:

Somente se pensarmos que somos chamados, enquanto indivíduos e comunidade, a fazer parte da família de Deus como seus filhos, é que seremos capazes de produzir um novo pensamento e exprimir novas energias ao serviço de um verdadeiro humanismo integral. Por isso, a maior força ao serviço do desenvolvimento é um humanismo cristão que reavive a caridade e que se deixe guiar pela verdade, acolhendo uma e outra como dom permanente de Deus. A disponibilidade para Deus abre à disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa. Só um humanismo aberto ao Absoluto pode guiar-nos na promoção e realização de formas de vida social e civil — no âmbito das estruturas, das instituições, da cultura, do *ethos* — preservando-nos do risco de cairmos prisioneiros das modas do momento. É a consciência do Amor indestrutível de Deus que nos sustenta no fadigoso e exaltante compromisso a favor da justiça, do desenvolvimento dos povos, por entre êxitos e fracassos, na busca incessante de ordenamentos retos para as realidades humanas. O amor de Deus chama-nos a sair daquilo que é limitado e não definitivo, dá-nos coragem de agir continuando a procurar o bem de todos, ainda que não se realize imediatamente e aquilo que conseguimos atuar — nós e as autoridades políticas e os operadores econômicos — seja sempre menos de quanto almejamos. Deus dá-nos a força de lutar e sofrer por amor do bem comum, porque Ele é o nosso Tudo, a nossa esperança maior. O desenvolvimento tem necessidade de cristãos com os braços levantados para Deus em atitude de oração, cristãos movidos pela consciência de que o amor cheio de verdade — *caritas in veritate* –, do qual procede o desenvolvimento autêntico, não o produzimos nós, mas é-nos dado. Por isso, inclusive nos momentos mais difíceis e complexos, além de reagir conscientemente devemos sobretudo referir-nos ao seu amor. O desenvolvimento implica atenção à vida espiritual, uma séria consideração das experiências de confiança em Deus, de fraternidade espiritual em Cristo, de entrega à providência e à misericórdia divina, de amor e de perdão, de renúncia a si mesmo, de acolhimento do próximo, de justiça e de paz. Tudo isto é indispensável para transformar os « corações de pedra » em « corações de carne » (Ez 36, 26), para tornar « divina » e conseqüentemente mais digna do homem a vida sobre a terra. Tudo isto é do homem, porque o homem é sujeito da própria existência; e ao mesmo tempo é de Deus, porque Deus está no princípio e no fim de tudo aquilo que tem valor e redime: « quer o mundo, quer a vida, quer a morte, quer o presente, quer o futuro, tudo é vosso; mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus » (1 Cor 3, 22-23)³⁸.

Aceitemos este desafio!

Referências

BENTO XVI. *Caritas in Veritate*: carta encíclica. São Paulo: Loyola; Paulus, 2009.

BEOZZO, J. O. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BROUCKER, J. *Les conversions d'un évêque*. Entretiens avec José de Broucker (Chrétiens autrement). Paris: L'harmattan, 2002.

COMPÊNDIO do Vaticano II: Constituições, Decretos, Declarações. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 1991. Utilizaremos a sigla GS para *Gaudium et Spes*.

³⁸ BENTO XVI. *Caritas in Veritate*: carta encíclica. São Paulo: Loyola; Paulus, 2009. nn. 78-79.

LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005. (Theologica n. 14).

ROCHA, Z.; LUZ, L. C. M. *Circulares Conciliares*. Recife: CEPE, 2009. 2 v. [3 partes cada volume] (Obras Completas de Dom Helder Câmara).

Artigo recebido em: 02.08.2010
Artigo aprovado em: 11.11.2010